

Raymond T. Chandler

RAYMOND CHANDLER

ALFAGUARA

RAYMOND CHANDLER

Copyright © 1949 by Raymond Chandler; renewed 1976 by Mrs. Helga Greene
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Little Sister

Capa

Christiano Menezes/ Retina_78

Foto do autor

Snap/ Rex/ Shutterstock

Preparação

Breno Barreto

Eduardo Rosal

Revisão

Carmen T. S. Costa

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chandler, Raymond

A irmã mais nova / Raymond Chandler; tradução,
prefácio e organização Braulio Tavares. – 1ª ed. – Rio de Janeiro:
Alfaguara, 2017.

Título original: The Little Sister.

ISBN 978-85-5652-037-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Tavares, Braulio. II. Título.

17-01401

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura
norte-americana 813.0872

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

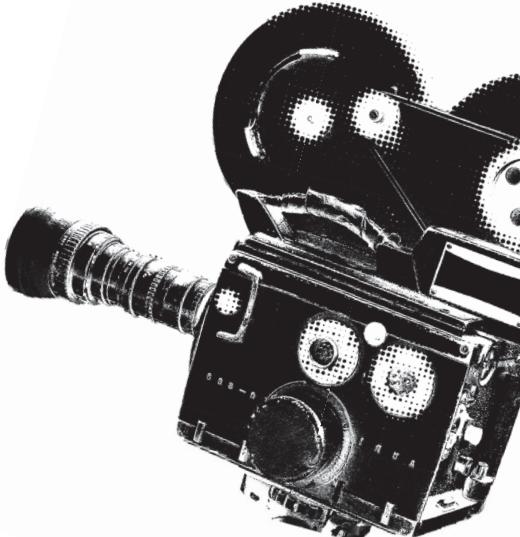
A IRMÃ MAIS NOVA

RAYMOND CHANDLER

TRADUÇÃO, PREFÁCIO

E ORGANIZAÇÃO DE

BRAULIO TAVARES



[SUMÁRIO]

Prefácio	9
A IRMÃ MAIS NOVA	17
Dez por cento de sua vida	259
Cartas selecionadas	271
Notas	287

Prefácio

O maior tempo de espera entre dois romances de Raymond Chandler foram os seis anos entre *A dama do lago* (1943) e *A irmã mais nova* (1949). Foi o período em que ele trabalhou mais intensamente como roteirista para os estúdios de Hollywood, uma fase de trabalho duro, conflitos, amadurecimento, que lhe deu um currículo e um salário invejáveis, além do aprendizado. Não que ele precisasse tanto, pois já escrevia cinematograficamente desde sua estreia com *O sono eterno* (1939).

Raymond Chandler foi um dos poucos escritores que não “foram para” Hollywood. Ele já morava lá. Há um interessante livro de Judith Freeman, *The Long Embrace: Raymond Chandler and the Woman he Loved* (Nova York: Pantheon, 2007), em que a autora visita, comenta e fotografa o que é possível dos trinta e seis endereços onde Raymond e Cissy Chandler moraram, em Los Angeles e no sul da Califórnia. Ele conhecia profundamente toda aquela área; era seu entorno natural.

O sono eterno se passa no mundo do petróleo; *Adeus, minha querida*, no mundo da jogatina e das drogas (com uma *backstory* ligada ao rádio). Mas *A irmã mais nova* é um romance sobre o mundo do cinema. Chandler sempre afirmou ser impossível escrever sobre Hollywood um romance que fizesse jus a seus extremos e sua complexidade. Felizmente não é isso que ele tenta fazer. *A irmã mais nova* não é sobre uma indústria, é sobre um pequeno grupo de pessoas em guerra, suas emoções e relacionamentos. Uma história de ambição, crueldade e morte, que por acaso envolve pessoas do cinema.

Nele, Marlowe tem esgrimas verbais animadas com pequenos marginais, com atrizes em ascensão, com um agente delas, com policiais ríspidos, com um *tycoon* de estúdio. Ele desce a lenha em Hollywood sempre que tem uma chance, mas curiosamente isso não parece ter muito mais peso do que quando ele profere suas jeremíadas contra Bay City, encarnação fictícia de Santa Mônica. Hollywood é para ele apenas um sintoma agudo de um mal maior. É a famosa fábrica de ilusões, onde o maior sonho de uma atriz é “deixar de ser uma pessoa real para se tornar uma voz na trilha sonora, um rosto na tela”. É o espelho platinado de uma cidade corrompida até a medula, uma cidade onde não estar à venda é ser objeto de escárnio e zombaria.

Em Hollywood, Marlowe devaneia com um dono de estúdio meio ausente de si mesmo, assiste à filmagem de uma cena com atores e equipe impacientes, e depois outra cena tensa e complexa com uma atriz. Tudo é descrito sem fanfarras, como um dia qualquer de uma equipe cumprindo cronograma. As cenas mostram um mero vislumbre do dia a dia da criação de um filme, visto aqui como um trabalho igual a outro qualquer.

Adeus, minha querida conta, a certa altura, a ascensão de uma cantora de rádio que, por causa de sua bela voz e de outros atributos, casou com o milionário idoso que era dono da estação. *A irmã mais nova* mostra, pelo contrário, uma atriz numa arrancada decisiva para fazer decolar sua carreira rumo ao estrelato, ou seja, num momento em que qualquer escorregão pode ser fatal, qualquer história negativa que se cole à sua imagem pode afundá-la para sempre.

Este livro não é só sobre o cinema, é sobre Hollywood num sentido bem amplo. Os romances de Chandler são como espirais que sempre retornam aos mesmos temas, tocando-os a cada vez num ponto diferente. Volta aqui a maconha, que tinha aparecido em *Adeus, minha querida*. Volta o tema dos médicos inescrupulosos faturando com irregularidades, que surge em *A dama do lago*, *Adeus, minha querida* e *O longo adeus*. A fotografia como elemento de chantagem tem um papel importante, como teve em *O sono eterno*. E Chandler mostra aqui mais alguns dos seus policiais e agentes da lei, duros, problemáticos, profissionais, cheios de defeitos, que se contrapõem aos policiais corruptos e canalhas.

Qualquer comentário sobre a literatura de Chandler acaba cedo ou tarde fazendo referência aos seus “retratos dos policiais corruptos da Califórnia”. Mas é bom lembrar que seus policiais honestos são igualmente plausíveis, e bem mais complexos do que um tira qualquer de *pulp fiction*.

Depois de perder a esposa, Cissy, Chandler mergulhou no álcool e na depressão. Em fevereiro de 1955, bêbado, tentou o suicídio, mas escapou sem ferimentos. Quando a notícia se espalhou, chegaram-lhe cartas de apoio do país inteiro. Várias delas eram de policiais ou detetives que acompanhavam seus livros à distância e, diante das notícias, sentiram-se na obrigação de mandar-lhe uma palavra de incentivo.

Escrevendo em março daquele ano para Roger Machell, Chandler comentou:

Essas cartas diziam duas coisas: 1, que eles deviam ter escrito para mim já há muito tempo, porque eu talvez não soubesse o quanto meus livros eram importantes para outras pessoas, e 2, como diabos era possível um escritor que jamais foi policial conhecê-los tão bem e retratá-los de forma tão precisa? Um homem, que afirmou ter servido durante vinte e três anos na polícia de Los Angeles, disse que poderia me dar o nome real de praticamente cada policial que eu coloquei nas minhas histórias. Ele parecia pensar que eu tinha mesmo conhecido pessoalmente esses indivíduos. Esse tipo de coisa me balançou um pouco, porque eu sempre imaginei que se um policial de verdade ou um detetive lesse um romance de mistério seria apenas para torcer o nariz. Quem foi que disse (Stevenson, possivelmente) que experiência é em grande parte uma questão de intuição?

Falei no início sobre os seis anos que se passaram desde *A dama do lago* (1943) até este livro. Mas o hiato é apenas de publicação, não de escrita. Por mais que estivesse conquistando cachês bem altos e privilégios incomuns em Hollywood, Chandler não parou de pensar em literatura, e não parou de sofrer por ela. Os defeitos de *A irmã mais nova* são os mesmos de outros livros: partes do enredo que não se encaixam, recurso frequente a coincidências ou a cenas

“porque sim”. Chandler improvisava muito, trabalhava em várias direções de uma história ao mesmo tempo, e depois ia revisar e colar, emendando as partes ao passar a limpo, como um técnico de estúdio montando juntas as melhores partes de takes diferentes do mesmo solo de sax.

Como escritor, ele era tanto um metódico quanto um possesso. Fazia listas de tudo: títulos, símiles, gírias, vestuário, mobília, tudo já pronto, e que ia sendo colado na narrativa à medida que a necessidade surgia. Escrevia sem muito planejamento, e muitas vezes tinha que encaixar à força no enredo uma cena que considerava ter verdade psicológica e ser necessária ao conjunto. Era um grande anotador, como Tolkien, e um datilógrafo compulsivo, como Philip K. Dick.

Numa carta ao seu editor inglês, Hamish Hamilton, já em outubro de 1946, Chandler confirmava ser esse o título do novo livro, *A irmã mais nova*, e resumia assim a premissa:

Uma nova história de Philip Marlowe, escrita por Raymond Chandler, provisoriamente intitulada *A irmã mais nova*, envolvendo alguns personagens bizarros de Hollywood, sem falar numa garotinha inocente do Kansas, que pode ser, ou não, tão inocente quanto parece.

Quase dois anos depois, em agosto de 1948, ele ainda escreve para o mesmo Hamilton:

Estou tentando desesperadamente terminar *A irmã mais nova* e devo ter um primeiro rascunho pronto qualquer dia desses em que me sobrarem energias. O fato, contudo, é que nela não há nada além de estilo, diálogo e personagens. O enredo range como uma persiana partida e agitada pelo vento de outubro.

Dois meses depois ele escrevia para S. N. Swanson:

Sim, acabei o livro, se esse é um nome que pode ser dado a setenta e cinco mil palavras mal-escritas, mal-arranjadas e nem um pouco a sério. O que vai acontecer com ele? Sei lá. Suculento demais para leitor de trem e literário demais para os democratas, além de conter

apenas seis homicídios. Mas eu não desabrochei para a maturidade. Meus cinco anos nas minas de sal fizeram de mim um caso típico de desenvolvimento interrompido, e quanto mais me afasto da indústria do cinema mais eu gosto dela.

O livro saiu finalmente em outubro de 1949.

Chandler não é famoso apenas pelos seus símiles, mas pelas longas tiradas retóricas de Philip Marlowe, algumas satíricas, outras depressivas, outras sarcásticas, verdadeiras teatralizações de uma voz interna com a qual ele critica a cobiça, a decadência moral e a frivolidade da Califórnia que tanto amava e onde se deu tão bem. Neste livro, ele faz um longo passeio de carro para desabafar, no capítulo 13, onde repete o bordão: “Você hoje não está sendo humano, Marlowe”. Marlowe é ensimesmado. No tête-à-tête com um opositor, é capaz de longos discursos nos quais explode ideias a plenos pulmões, mas algumas das melhores tiradas ocorrem nesses monólogos silenciosos em que ele dissolve a irritação com a verve do pensamento, com seu talento para o escárnio e o maldizer.

Estilística e tecnicamente, e apesar do brilhantismo na maioria dos aspectos, Chandler é estranhamente limitado, como tantos grandes autores. Tem obsessões para as quais retorna o tempo todo. Seu talento é distribuído de modo irregular. Ele se repete com frequência, tanto na estrutura do enredo quanto na galeria de tipos dos personagens, ou na descrição dos gestos, atitudes corporais etc. As cenas eróticas e as descrições de brigas com socos equivalem às de qualquer autor anônimo da *Black Mask*. Se a prosa de Chandler chamou a atenção de alguém no momento do lançamento do livro, não foi por esses aspectos.

O forte de Chandler é a educação clássica, em tamanho contraste com o mundo que descreve — isso vai desde o detalhe mais comum, que são os seus símiles, até a riqueza de recursos para dizer o que brota na mente do personagem ao contemplar um rosto, a paisagem de uma janela, uma multidão passando; a percepção dos mecanismos sociais e psicológicos a que os personagens obedecem

inconscientemente; e as críticas mordazes comentadas acima, que funcionam como uma mistura de pregação e de rogação de pragas. A veemência com que ele ataca a Califórnia lembra o Rubem Braga apocalíptico de *Ai de ti, Copacabana*.

Seu forte são as complexas motivações dos personagens e sua dramatização externa; motivações não só para o crime, mas para o ódio, o amor, a integridade, a autodestruição. Seu forte é o senso visual e espacial, além da coreografia dramática da ação, que ele consegue impor em sequências inteiras: Marlowe espionando o livreiro num dia de chuva (*O sono eterno*); a entrada e a saída dele do iate-cassino (*Adeus, minha querida*); o resgate de um alcoólatra de uma clínica clandestina (*O longo adeus*); a descoberta do cadáver no lago (*A dama do lago*); e, neste livro, cenas como a aventura inicial de Marlowe na boca de fumo de Idaho Street. São ações *pulp*, mas carregadas de comentário, que está todo no jeito de contar, nas reflexões silenciosas de Marlowe sobre tudo que vê.

Chandler se orgulhava (ver seção de cartas, neste volume) de um elogio que recebeu de Howard Hawks, para quem a grande arma de Marlowe não eram os ditos ferinos, era a capacidade de ouvir a frase ou a pergunta do interlocutor e ficar calado, olhando para ele. Marlowe não fica calado apenas diante dos interlocutores, mas também do leitor. Diante de certas reviravoltas, surpresas ou provocações, esperamos que ele, voz narrativa de tudo aquilo, faça algum comentário que nos dê uma pista sobre o que está sentindo. Marlowe não dá pista nenhuma. Ele lê para nós os indícios alheios. Um dos clichês mais repetidos por Chandler é dizer: “Ele (ou ela) passou a língua pelos lábios secos”. Uma frase assim pode virar clichê, mas já é um melhoramento de um clichê pior, algo como “Ele passou nervosamente a língua pelos lábios”, descrição informativa que logo pareceu redundante a Chandler, e que por isso foi substituída. Mas ele a usa, na verdade, para mostrar a atenção de Marlowe sobre os pequenos gestos das pessoas com quem conversa, principalmente quando elas estão diante da sua mesa, no escritório. Ele não interpreta, apenas registra — e não comenta nada conosco. E acabamos percebendo alguns desses gestos maquinais, como as pistas que fazem Marlowe ler a mente da outra pessoa e estar preparado para o que ela fará ou

dirá em seguida. São um ponto cego delas. Elas não sabem que estão dando a ele essas indicações.

Se são um ponto cego delas, Chandler também tem os seus, porque as mesmas situações, gestos e atitudes corporais se repetem. Passos que se afastam no corredor. A ponta do dedo correando ao longo de uma superfície. Em todos os seus livros há uma mulher atraente que se aproxima dele a ponto de envolvê-lo em seu perfume, e depois finge desmaiar, para que ele a agarre. Marlowe é capaz de dizer frases como “Vá em frente, desmaie, quando quicar no chão eu te pego”. Mas as mulheres sempre desmaiaram. Sabem que ele não as deixará cair, mesmo que se arrependa depois.

Um interessante artigo na internet comparando os datiloscritos de Chandler com a versão final do mesmo texto (referências no final deste volume) mostra a luta constante de Chandler em busca da concisão, do corte sumário de tudo que não fosse indispensável ou expressivo. Tanto as suas qualidades quanto os seus defeitos nascem dessa revisão constante, na qual alguns trechos começam a luzir cada vez mais, enquanto outros parecem sumir do radar. Chandler é um estilista desigual, irregular, mas, como disse Billy Wilder, “um raio corusca em cada página”.

Braulio Tavares

A IRMÃ MAIS NOVA

1

Na porta de vidro granulado está pintado, em letras pretas meio descascadas: *Philip Marlowe... Investigações*. É uma porta bastante gasta no fim de um corredor bastante gasto, no tipo de edifício que foi novo por volta do ano em que o banheiro ladrilhado se tornou a base da nossa civilização. A porta está trancada, mas ao lado dela há outra com o mesmo letreiro que fica destrancada. Vamos, pode entrar — dentro não há ninguém, a não ser eu e uma enorme mosca-varejeira. Mas não se você for de Manhattan, Kansas.

Era uma daquelas manhãs de verão claras e brilhantes que acontecem no começo da primavera na Califórnia, antes de a neblina se instalar. As chuvas já passaram. Os morros ainda estão verdes, e no vale ao longo das colinas de Hollywood é possível ver neve no alto das montanhas. As lojas de peles começam a divulgar a liquidação anual. As redes de garotas de programa especializadas em virgens de dezesseis anos estão faturando como nunca. E em Beverly Hills já estão florindo os jacarandás.

Eu espreitava a varejeira havia uns cinco minutos, esperando que pousasse. Ela não queria pousar. Queria apenas fazer curvas fechadas e cantar o prólogo de *Pagliacci*. Eu tinha o mata-moscas semiergido e estava pronto para tudo. Havia uma faixa de luz do sol brilhante

num canto da mesa, e eu sabia que mais cedo ou mais tarde era ali que ela acabaria pousando. Mas, quando ela o fez, a princípio nem percebi. O zumbido parou e lá estava ela. E então o telefone tocou.

Estendi a mão esquerda bem devagar, centímetro a centímetro. Levantei o fone e falei com suavidade:

“Fique na linha um instante, por favor”.

Pousei o fone delicadamente em cima do mata-borrão. Ela ainda estava lá, reluzente, azul-esverdeada e cheia de pecado. Respirei fundo e mandei o golpe. O que restou dela foi jogado no meio da sala e tombou no tapete. Fui até lá, peguei-a pela asa intacta e a joguei no cesto de lixo.

“Obrigado por esperar”, falei ao telefone.

“É o sr. Marlowe, o detetive?”

Era uma voz miúda e apressada, do tipo menininha. Eu disse que era o sr. Marlowe, o detetive.

“Quanto cobra pelo seu trabalho, sr. Marlowe?”

“O que quer que eu faça?”

A voz ficou um pouquinho mais áspera.

“Isso eu não posso lhe dizer pelo telefone. É... é muito confidencial. Antes de gastar meu tempo indo até seu escritório, eu precisaria ter uma ideia...”

“Quarenta dólares por dia, mais as despesas. A não ser que seja um tipo de trabalho por um preço fixo.”

“Isso é muito”, disse a vozinha. “Ora essa, isso pode chegar a centenas de dólares, e eu só ganho meu salariozinho, e...”

“Onde você está agora?”

“Ora, estou numa *drugstore*. Vizinha ao prédio onde fica seu escritório.”

“Podia ter economizado sua moeda. O elevador é gratuito.”

“Eu... Perdão?”

Eu disse tudo uma segunda vez. “Suba aqui para eu dar uma olhada em você”, completei. “Se for o tipo de problema de que eu cuido, posso lhe dar uma ideia de...”

“Preciso saber algumas coisas a seu respeito”, disse a vozinha com firmeza. “É um assunto muito delicado, muito pessoal. Não posso falar com qualquer um.”

“Se é tão delicado assim”, disse eu, “talvez você devesse procurar uma detetive.”

“Meu Deus, não sabia que isso existia.” Pausa. “Mas não acho que uma mulher fosse muito útil. Veja só, Orrin estava morando num bairro muito violento, sr. Marlowe. Eu pelo menos achei violento. O gerente da pensão é uma pessoa muito desagradável. Cheira a bebida. O senhor bebe, sr. Marlowe?”

“Bem, já que tocou no assunto...”

“Eu não creio que fosse capaz de contratar um detetive que use qualquer bebida alcoólica. Não aprovo nem sequer o uso do tabaco.”

“Algum problema se eu descascasse uma laranja?”

Ouvi a inspiração curta e aguda do outro lado da linha. “Podia pelo menos se expressar como um cavalheiro”, disse ela.

“Melhor ligar para o Clube Universitário”, respondi. “Ouvi dizer que por ali há uns dois de sobra, mas não sei se vão deixar que você mexa com eles.”

Desliguei.

Foi um passo na direção certa, mas não me adiantou muito. Eu devia ter trancado a porta e me escondido embaixo da mesa.

2

Cinco minutos depois, a campainha tocou na porta do meio escritório que eu uso como sala de espera. Ouvi a porta fechar-se de novo. Depois não ouvi mais nada. A porta entre mim e a outra sala estava entreaberta. Escutei e concluí que alguém tinha olhado para dentro e percebido que estava no escritório errado, decidindo não entrar. Então ouvi uma pancadinha na madeira. Depois o pigarro discreto que se usa com a mesma função. Tirei os pés de cima da mesa, levantei-me e fui olhar. Lá estava ela. Nem precisou abrir a boca para eu saber de quem se tratava. E nunca ninguém pareceu tão pouco com Lady Macbeth. Era uma garota miúda, toda certinha, que tinha um ar pudico com aquele cabelo castanho afetadamente liso e óculos sem aro. Vestia-se de marrom, sob medida, e do ombro pendia uma dessas bolsas quadradas e desajeitadas que fazem a gente pensar numa irmã

de caridade levando primeiros socorros para os feridos. Sobre o liso cabelo castanho via-se um chapéu que fora arrancado cedo demais da proteção materna. Ela não usava maquiagem, nada de batom, nada de joias. Os óculos sem aro lhe davam um ar de bibliotecária.

“Isso não é maneira de se dirigir às pessoas num telefonema”, disse ela com voz cortante. “Devia se envergonhar de si mesmo.”

“Sou orgulhoso demais para demonstrar”, disse eu. “Venha, entre.” Segurei a porta. Depois puxei a cadeira para ela.

Ela sentou-se, ocupando apenas uns cinco centímetros da borda.

“Se eu falasse daquela maneira com um dos pacientes do dr. Zugsmith”, disse ela, “eu perderia o meu emprego. Ele é muito exigente sobre como falar com os pacientes, mesmo os mais trabalhosos.”

“Como vai aquele tratante? Não o vejo desde quando caí do telhado da garagem.”

Ela pareceu surpresa e bastante séria.

“Ora, o senhor seguramente não conhece o dr. Zugsmith.” A ponta de uma língua bem anêmica surgiu entre os lábios e moveu-se furtivamente em busca de nada.

“Conheço um dr. George Zugsmith”, disse eu, “de Santa Rosa.”

“Ah, não. Este é o dr. Alfred Zugsmith, de Manhattan. Manhattan, Kansas, sabe como é, não é Manhattan, Nova York.”

“Deve ser outro dr. Zugsmith”, disse eu. “E seu nome, como é?”

“Não tenho certeza se quero lhe dizer.”

“Está só olhando a vitrine, hein?”

“Acho que pode considerar assim. Se eu preciso revelar assuntos da minha família a um estranho total, quero ter pelo menos o direito de decidir se ele é o tipo de pessoa em quem eu posso confiar.”

“Alguém já lhe disse que você é uma gracinha?”

Os olhos por trás das lentes sem aro soltaram faíscas. “Espero que não.”

Peguei um cachimbo e comecei a enchê-lo. “Esperar não é exatamente a palavra”, falei. “Livre-se desse chapéu e arranje um par daqueles óculos mais sexy de armação colorida. Sabe, aqueles bem oblíquos, bem orientais...”

“O dr. Zugsmith não permitiria nada desse tipo”, disse ela com rapidez. Depois perguntou: “Acha mesmo?”, e ficou vermelhinha.

Acendi um fósforo junto ao cachimbo e soprei fumaça por cima da mesa. Ela contraiu o rosto e recuou.

“Se me contratar”, falei, “eu sou o cara que você contratou. Eu. Do jeito que eu sou. Se pensa que vai encontrar algum beato de igreja nessa profissão, está muito enganada. Bati o telefone na sua cara, mas você veio do mesmo jeito. Então precisa de fato de ajuda. Qual é seu nome e seu problema?”

Ela ficou apenas me olhando.

“Olhe”, disse eu, “você vem lá de Manhattan, Kansas. Da última vez que decorei o *Almanaque mundial*, era uma cidadezinha não muito longe de Topeka. População com cerca de doze mil habitantes. Você trabalha para o dr. Alfred Zugsmith e está à procura de alguém chamado Orrin. Manhattan é uma cidade pequena. Tem que ser. Só existe meia dúzia de lugares no Kansas que não são pequenos. Já tenho informação bastante sobre você para levantar a história de sua família de uma ponta a outra.”

“Mas por que iria querer fazer isso?”, perguntou, preocupada.

“Eu?”, respondi. “Eu não quero. Já estou por aqui de gente me contando todo tipo de história. Só estou sentado aqui porque não tenho outro lugar pra onde ir. Não quero trabalhar. Não quero nada.”

“Você fala demais.”

“Sim”, respondi. “Eu falo demais. Homens solitários sempre falam pelos cotovelos. Ou isso ou nem abrem a boca. Vamos ao que interessa? Você não parece do tipo que procura detetives particulares, principalmente detetives particulares que não conhece.”

“Sei disso”, disse ela, tranquila. “E Orrin ficaria branco se soubesse disso. Mamãe também ia ficar furiosa. Eu simplesmente achei seu nome no guia telefônico...”

“Que princípio usou?”, perguntei. “Foi com os olhos abertos ou fechados?”

Ela me olhou por um instante como se eu fosse um cara bem esquisito.

“Sete e treze”, disse por fim.

“Como assim?”

“‘Marlowe’ tem sete letras”, disse ela. “E ‘Philip Marlowe’ tem treze. Sete com treze—”

“Qual é seu nome?”, rosnei.

“Orfamay Quest.” Ela contraiu os olhos como se fosse chorar. Soletrou o primeiro nome para mim, tudo junto. “Vivo com a minha mãe”, continuou, agora falando mais rápido, como se estivesse me pagando por minuto. “Meu pai morreu faz quatro anos. Ele era médico. Meu irmão Orrin entrou para a escola de medicina também, mas depois de dois anos se transferiu pra engenharia. Então um ano atrás Orrin veio morar aqui pra trabalhar na Cal-Western Aircraft Company, em Bay City. Não precisava disso. Ele tinha um bom emprego em Wichita. Acho que na verdade ele queria era vir morar na Califórnia. É o que todos quer.”

“É o que todos *querem*”, disse eu. “Se vai usar esses óculos sem aro, pode pelo menos falar de acordo com eles.”

Ela riu e traçou uma linha com a ponta do dedo ao longo da mesa, com os olhos baixos. “Falou sério sobre os tais óculos que deixam a gente com aparência oriental?”

“A-há. Muito bem, e sobre Orrin: ele chegou à Califórnia, ele foi para Bay City. O que fazemos com ele agora?”

Ela pensou um pouco, franzindo a testa. Depois examinou meu rosto como se estivesse tomando uma decisão. E as palavras vieram num jorro: “É estranho da parte de Orrin não escrever regularmente para nós. Nos últimos seis meses, ele só escreveu duas vezes pra mamãe e três pra mim. E a última carta é de vários meses atrás. Mamãe e eu ficamos preocupadas. Como estou de férias, vim aqui atrás dele. Ele nunca morou fora do Kansas antes”. Ela se deteve. “Não vai tomar notas?”, perguntou.

Dei um grunhido.

“Pensei que os detetives sempre anotavam as coisas em caderinetinhas.”

“Euuento as piadas”, falei. “Você conta a história. Veio pra cá, de férias. E agora?”

“Escrevi para Orrin avisando que viria, mas não tive resposta. Depois mandei um telegrama de Salt Lake City, mas ele também não respondeu. Assim, tudo que pude fazer foi chegar aqui e ir para o lugar onde ele mora. É muito, muito distante. Fui de ônibus. Fica em Bay City, número 449 da Idaho Street.”